

Arquitetura e operaísmo:

a questão em aberto de Manfredo Tafuri¹

Marco Assenatto

O tema, desde há algum tempo, retornou à atenção da crítica. Certamente, é uma boa notícia. Ao menos porque remete a eixos políticos firmes boa parte do debate arquitetônico e repõe o assalto ao céu que as multidões tentaram no longo maio de 68 italiano, com toda a sua força de penetração, inclusive cultural. No entanto, o tema é complexo. Mal é introduzido e eis que ele logo se agita, como uma serpente entre as mãos dos estudiosos mais apressados em nele encontrar a *continuidade*. Digamos logo: não basta restabelecer as coordenadas biográficas cruzadas entre os vários protagonistas do debate político e arquitetônico.

É verdade que boa parte da neovanguarda italiana dos anos 70 compartilhou experiências de militância com os grupos operaístas e pos-operaístas: o *Grupo N* compartilhava o seu escritório com a redação da revista *Classe Operaia*; Alberto Magnaghi foi secretário do PotOp; a construção do Instituto de História da IUAV de Veneza se une, depois de 1968, à experiência da revista *Contropiano*. Todavia, para honrar o desafio que o tema traz, dever-se-ia, a meu ver, usar um duplo método: ser cauteloso com o segundo termo – *operaísmo* - evitando reduzi-lo aos êxitos necrófilos da autonomia do político trontiana; e afiado quanto ao segundo – a *arquitetura* – para entender o alcance das teses sustentadas nos *Quaderni Rossi* e, depois, na *Classe Operaia* e no *Contropiano*, visando à prática do projeto.

Daí derivaria uma série de quebra-cabeças interessantes com o que teríamos a ganhar, todos nós, quanto à maior liberdade para selecionar caminhos. Por exemplo, poder-se-ia chegar a reconhecer – nesta breve intervenção, não poderei desenvolver a questão completamente – o total estranhamento de boa parte da produção de Paolo Deganello – em particular, depois da fundação de *Archizoom* até a insignificante *Casa em Comum*, de 1983 –

¹ Publicado originalmente em italiano no site Opera Viva, *La domanda irrisolta di Manfredo Tafuri*; architettura e operaismo, em 27 de junho de 2016. Tradução por Marcio Pereira, professor em São Paulo, especial para a revista Lugar Comum. Disponível online em <http://operaviva.info/la-domanda-irrisolta-di-manfredo-tafari/>

relativa à crítica ao trabalho intelectual feita pelas revistas operaístas. Ou reconhecer o efeito literalmente regressivo, quando não explicitamente reacionário, da teoria do *projeto local* de Magnaghi, quanto à compreensão do espaço metropolitano contemporâneo. E ainda – talvez este seja o argumento mais difícil – poder-se-ia investigar desencantadamente sobre os desdobramentos da pesquisa de Manfredo Tafuri, sem lhe predispor um destino em meio aos êxitos entre o novecentismo de Aldo Rossi e as troças dos *radicals*. Em suma: o argumento é apaixonante, mas deveria ser tratado fazendo-se *explodir* o desenvolvimento *linear* que sempre envenena a *história da cultura*. Ao contrário, seria preciso pôr em jogo uma série de diferenças: entre as diretrizes estéticas e teóricas, entre política e arquitetura, e entre biografias individuais e percursos profissionais. Por que não? Pode-se ser ao mesmo tempo um militante generosíssimo e um péssimo arquiteto. Ou um ótimo projetista e, porém, um terrível reacionário. E, ademais, como se sabe, na vida sempre se pode mudar de ideia.

Contra a arquitetura absoluta

Parece-me possível concordar com a hipótese segundo a qual a relação entre operaísmo e arquitetura decorre essencialmente da crítica do trabalho intelectual disseminada numa rica série de ensaios e artigos, sobretudo, de caráter literário, entre os primeiros anos dos anos 60 e o fim dos anos 70. Crítica da ideologia, se dizia à época, congruente com as páginas mais inflamadas daquela obra prima de inteligência insurgente que é *Operai e capitale*, de Mario Tronti – evidentemente em sua primeira edição e, de qualquer modo, a partir dos originais dos capítulos publicados nas revistas *Quaderni Rossi* e *Classe Operaia*. O fundamental artigo *Verifica dei poteri* de Franco Fortini e a desconstrução do populismo que Asor generosamente desenvolve em 1965, assim como, depois, a potente máquina de guerra que ele põe em marcha contra todo absolutismo formal, em seus artigos sobre Mann e o jovem Lukács, mas também o *Wertfreiheit* de Massimo Cacciari, pelo menos em alguns de seus aspectos, – tudo isso desemboca numa crítica geral da fenomenologia da arte burguesa destinada a ter um impacto potente no debate arquitetônico, e isto se dá, sobretudo, graças ao trabalho de Manfredo Tafuri.

A arte, a literatura, a arquitetura existem somente enquanto disciplinas integradas ao desenvolvimento capitalista. O trabalho intelectual está completamente subsumido no ciclo do capital. Não encontraríamos esse mesmo argumento nas poderosas *Teses sobre as*

relações gerais de inteligência científica e consciência da classe proletária, que Hans Jürgen Krahl publica em 1969? Descobre-se, nesse ponto, o quão odioso era apresentar intelectuais progressistas como portadores da metafísica de ordem e harmonia do mundo. Como também se descobre o quão infundada era a *linguagem* deles. Nesses mesmos anos, Manfredo Tafuri agitava o seu espírito destruído contra a "ilusão reacionária" que quer "restituir dignidade profissional a intelectuais degradados"². O trabalho cultural atravessa uma profunda *experiência de proletarização* e se dissolve na ligação, de agora em diante incindível, com os mecanismos do capital social. Enquanto, por outro lado, manifesta-se a exigência de repensar o projeto de arquitetura como instrumento de intervenção – funcional aos interesses de classe – sobre a crise do ciclo geral.

Reconhecer-se-á nessas passagens um débito teórico ao Walter Benjamin construtivista - talvez o seu traço mais feliz, certamente o menos próximo do messianismo do período tardio: *o autor é um produtor; o que a obra de arte "diz" a respeito das relações de produção* – se aquela está conforme as relações de produção e, portanto, se é reacionária ou então, ao contrário, empenha um esforço para subvertê-las, enquanto obra revolucionária – isso é secundário. O que se revela fundamental é a função da obra "no interior" das relações de produção.³ Com o desuso de todas as ladainhas sobre a decadência da cultura, como agudamente sublinhou Jacques Derrida, a pesquisa poderia reabrir-se a um continente desconhecido: a integração do saber no ciclo produtivo – o capital enquanto *General Intellect* – comporta, de fato, sempre a possibilidade de "transformar a própria estrutura do aparato, de torcê-lo e traí-lo, de atirá-lo para fora de si próprio, depois de tê-lo perturbado, de tê-lo mordido".⁴

A arte que tinha meditado sobre as relações de produção não proclama "renovação espiritual", não se esconde em fétidas torres de marfim de sua autonomia, mas, segundo Benjamin, "projeta a inovação técnica" necessária "para promover a socialização dos meios de produção". Tal abordagem, uma vez calada no debate arquitetônico, evidentemente colidia em duas frentes: "de uma parte – escreveu Asor Rosa – contra aquele pensamento arquitetônico que, propondo-se como ideologia e instrumento para uma convivência civil, se apresenta como braço secular do plano capitalista; de outra parte, contra aquele pensamento

² M. Tafuri, *Lavoro intellettuale e sviluppo capitalistico*, «Contropiano. Materiali marxisti», 2, 1970, pp. 241-281.

³ In W. Benjamin, *Avanguardia e Rivoluzione*, Einaudi 1973.

⁴ J. Derrida, *La Vérité en peinture*, Flammarion, 1978, pp. 172-173.

que, a partir de certos setores da organização proletária urbana (...), elabora uma "ideologia alternativa", totalmente submissa, também essa, às diretrizes trazidas pelo desenvolvimento capitalista, além disso, segundo esta versão necessariamente mal entendida".⁵ Infinita distância, neste ponto, desenha-se quanto à deriva icônica dos vários *Archizoom* e *Superstudio*, como também em relação aos mestres da arquitetura italiana. A respeito dessa distância, Manfredo Tafuri foi um intérprete ácido e inquieto.

Contra as ilhas utópicas

Pier Vittorio Aureli sublinhou justamente que o alvo fundamental da crítica de Tafuri era o arquiteto como construtor de *imagens* das condições urbanas. O autor, podemos dizer, ainda preso à casa da linguagem, que reproduz abstratamente os conflitos do ciclo capitalista, mas sem conseguir *agir sobre o concreto do desenvolvimento metropolitano*. À luz da pesquisa operaísta, Tafuri entende que a metrópole *não é mais uma forma, mas um processo de produção, uma cadeia de montagem na qual o objeto arquitetônico se torna integralmente superestrutural*. Dessas instituições nasce a formidável crítica da gestão social-democrata da cidade na República de Weimar e na *Vienna Rossa*, precedente ao *Anschluss*, que vamos encontrar nas páginas da *Contropiano*. Em particular, Tafuri desconstrói a *ideologia do trabalho* do movimento operário alemão e a abordagem neokantiana do urbanismo austromarxista, para redirecionar a atenção sobre o ciclo econômico, enquanto terreno de oposição *direto* entre operários e capital. Um terreno que nenhuma utopia reformista está disposta a conceder.

Não surpreende agora que a crítica cerrada, embora apreciando as qualidades formais, que Tafuri realiza contra o *Karl Marx Hof*, de Karl Ehn – arquiteto, recordemos, vergonhosamente convertido ao nazismo depois de 1934. O enorme *superblocco* dedicado ao *Moro*, diz Tafuri, é uma *demonstração polêmica de autonomia* do operariado de massa vienense *contra* as metrópoles burguesas. Um monumento de *épica operária*, não por acaso tão caro a Mario Tronti, o qual quis ver a materialização do *estado de exceção proletário*. Aureli exalta a hipótese trontiana: precisamente por conta do isolamento de Viena, não se podia optar por um *arquipélago de arquiteturas isoladas que pontuassem* o ambiente construído sem intervir sobre o plano geral. Os *Höfe* representam, portanto, um conjunto de

⁵ A. Asor Rosa, *Critica dell'ideologia ed esercizio storico*, «Casabella», 619-620, 1995, p. 30.

contingências formais separado do processo econômico total da metrópole e, portanto, polemicamente voltado contra isso. Monumentos, precisamente, daquela autonomia do político ante o que Tronti repetidas vezes entooou o hino, até confundir o avermelhar com a obscuridade de um grande século ao poente.

Por que, agora, Tafuri é tão ingrato às megaestruturas socialistas? Em seu ensaio *Vienna Rossa*, com efeito, o historiador do IUAV estigmatizou o caráter antiurbano dos *Höfe*, a utopia regressiva que resolve os contrastes sociais em *expressionismo*, a substituição da luta operária na metrópole pela *ética da democracia residencial*, a incapacidade de ler as diretrizes do desenvolvimento capitalista e as suas contradições internas. Naquele ensaio, a análise do pensamento da *Krisis* traduzia a inconsistência do racionalismo arquitetônico em necessária potência construtiva: a *linguagem* deveria resolver-se em *projeto*. São talvez as poucas páginas verdadeiramente – e felizmente – em dívida com a crítica operaísta. Na realidade, não apenas Tafuri não é condescendente com aqueles arquitetos, como também sublinha o descolamento deles em relação aos movimentos de classe:

"Pode ser então o caso de recordar - escreve na 'Contropiano' - que, em 1927, um ano antes do início da construção de Karl-Marx-Hof, seguido de uma sentença absolutória pronunciada nos confrontos de representantes da organização de extrema direita Frontkämpfer, assassinos de alguns operários, o protesto do proletariado democrático exaltado nos municípios Höfe se concluirá com o ferimento de mil operários, a morte de 85 deles e do incêndio do palácio da Justiça."⁶

Diz Tafuri: pode-se sempre ficar em lamentações sentimentais sobre a queda das fortalezas vermelhas da arquitetura europeia, como se pode exaltar a resistência operária contra as camisas marrons que tiveram no próprio *Karl-Marx-Hof* o seu último bastião. Mas o problema colocado por aquela história é mais complexo: "não há frase mais explícita da fratura objetiva entre a política austromarxista e a realidade da situação de classe, que aquela pronunciada por um dos operários de Anna Seghers: *o Karl Marx Hof não está arruinado, é verdade, ele fez aquilo, mas a nossa fé no partido... ela se despedaçou*". Os *Höfe* são monumentos da *distância* entre os partidos socialdemocratas e a subjetividade antagonista. Nisso, talvez, de fato, tragicamente, esteja coerente com a *autonomia do político* trontiana. Questões, evidentemente, que nos interessam acompanhar de perto ainda hoje.

A política depois do formalismo

⁶ M. Tafuri, *Austromarxismo e città. Das Rote Wien*, «Contropiano», 2, 1971, p. 311.

Nesse ponto, a importante hipótese de trabalho de Aureli se desfaz. A continuidade com as neovanguardas e Aldo Rossi é possível somente passando pelo Tronti tardio. Isso não é estranho: os escritos de *Contropiano* e os ensaios de Aureli respondem a exigências diversas. A esperança na *possibilidade de uma arquitetura absoluta* de Aureli se funda sobre a recuperação de um isomorfismo entre a *autonomia do político* trontiana e a *autonomia do projeto*.⁷ Ele pretende promover uma arquitetura feita de elaboração e montagem de formas singulares ainda alusivas e significantes. A crítica da ideologia cultural de matriz operaísta, ao contrário, demonstrava que trabalhar por fragmentos – certamente, melhor os belos fragmentos de Aureli do que os úmidos lugares da nova ecosofia urbana de Magnaghi – significa exatamente trabalhar sempre e somente em direção ao desenvolvimento capitalista. Noutros termos: se existe um lado do projeto arquitetônico que mais se presta a ser absorvido pelo circuito de valoração, esse é precisamente o do formalismo que se pretende autônomo do real. A história da *Vienna Rossa* demonstra a ambiguidade de todos os projetos voltados para a inserção de *estilhaços de humanidade construída*, como se fossem eventos absolutos, no tecido da metrópole capitalista. Os *Höfe* são *interrupções críticas*, diz Tafuri, que não mais conseguem transformar um *jogo de transformação real*.

De outra parte, porém, a questão posta por Tafuri não comporta nenhuma indiferença em relação à análise estética. Ao contrário: o trabalho sobre a forma ainda tem importância, tanto mais em um regime de plena *abstração* como o biopolítico. O capitalismo cognitivo, de fato, trabalha, sobretudo, em termos formais. Dever-se-ia agora reconstruir uma história do *formalismo* do século XX, "tomar as medidas como potência de transformação, liberá-las como força de inovação e de lugar do pensamento", como convidava Foucault em 1982⁸. Mas isso significa, em primeiro lugar, descartar toda pretensão de restaurações inúteis, bem como odiosas, para reconhecer finalmente que, se "a batalha em torno do formal foi uma dos grandes traços da cultura do século XX", hoje se trata de dar outro passo, *atravessar as telas* e conjugar projeto e política, linguagem e experimentação prática. E responder, assim, à pergunta em aberto de Manfredo Tafuri.

⁷ Cf. P.V. Aureli, *Il progetto dell'autonomia. Politica e architettura dentro e contro il capitalismo*, Quodlibet 2016 e Id., *The possibility of an absolute architecture*, MIT Press 2011.

⁸ M. Foucault, *Pierre Boulez, l'écran traversé*, in M. Colin, J.P. Leonardini, J. Markovits (a cura di), *Dix ans et après. Album souvenir du Festival d'automne*, Messidor 1982, pp. 232-236